



A escola com compromisso de cidadania

A escola como instituição responsável pelo ensino formal carrega vários vícios e tabus que lhe são inerentes por ser crua de fracasso escolar. Este fracasso recai e se nos índices de evasão e se no índice. Parece que trabalhar com população de baixa renda é ser vítima deste fracasso. Assim a teoria da ciência econômica, a linguagem cultural, a leitura e a cognição permanecem análogas a novas concepções.

Falando e fundamentando teoricamente a questão do desenvolvimento da inteligência e ainda, principalmente através da prática pedagógica com formas de alfabetização, constatamos o quanto é possível a construção do conhecimento. Vê-se a importância do processo desta construção que se dá através da interação "cognição", que é o conhecimento da natureza da escrita enquanto sistema de representação da sociedade, isto é, o uso social da escrita. O meio social, é fornecedor de conhecimentos culturais, mas é o indivíduo que impõe as formas e os limites desta aprendizagem, segundo Jean Piaget como "um dos mecanismos reguladores onde o indivíduo incorpora elementos do mundo".

A construção do conhecimento aplica-se em uma estrutura de ação que visa a construção de equilíbrios sucessivos em que fatores internos preponderam sobre os externos. O desenvolvimento cognitivo se faz da interação dos estímulos do meio ambiente com os esquemas assimiladores do sujeito que aprende. O processo está centrado na sequência cognitiva que os alunos percorrem para aprender.

Logo o analfabetismo deixa de ser só questão social, política e cultural para se tornar um problema de aprendizagem individual através da escola, métodos e propostas que levam em conta uma melhor compreensão da natureza da leitura e da escrita.

Parece-se que independente da situação socioeconômica toda criança é capaz de alfabetizar-se, principalmente se empleada numa proposta que baseia-se na construção do saber e não na transmissão, na aprendizagem prototípica, no equilíbrio entre atividades corporais e intelectuais, na participação como parte integrante da aprendizagem e no vínculo da aprendizagem às experiências e vivências concretas.

Em especial, a prática de sala de aula se dá através de um ambiente em que se dá todas as formas de escrita e atos de leitura.

O professor é um sujeito cidadão e constrói de sua prática de sua elaboração teórica e busca constantemente a avaliação de que faz. Está aberto a todos os questionamentos cognitivos, socio afetivos e morais de sala de aula.

A sala de aula é espaço de expressão de ideias, de discussão, de diálogo.

A criança elabora uma complexa rede de representação da língua falada e a escrita através de experiências, da formulação de hipóteses, tentativas de generalizações, "erros" e busca de função escrita, uso e valores. O professor neste processo será pesquisador que trabalha a aprendizagem em construção, produzindo, elaborando situações e um conhecimento coletivo.

O objeto de conhecimento é uma construção inteligente do sujeito, ao mesmo tempo em que o sujeito se constitui pelo objeto nesta mútua e inseparável interação.

A escola visibilizará que cada indivíduo compõe seu destino de escrever e seu pensamento, qualidade de todo ser humano, logo pensante aqui e agora que transformará este seu aqui e agora em fonte de substância e "uma preparação para o futuro", através de conhecimentos que fluem na escola enquanto instituição educacional de compromisso com os educandos.

Alado ao ensino sistemático a escola terá um viés preparatório de cidadania.

Selma Rodrigues Vieira
Pedagoga - Projeto Agora

C. Por

532/373

FUNG MOO 118

AGORA

Mudar é possível

Língua, preconceito e escola

Alina Louzã*

Uma coisa é certa: o jovem de hoje não fala. Pulso de conhecimentos, seu vocabulário restringe-se a meio dúzia de palavras que ele, freqüentemente, emprega mal. Suas frases são confusas e soltas, cheias de vícios que as gramáticas denunciam, mas que ele não aprende a evitar - por seu próprio descaso ou incompetência dos professores.

Outra coisa é certa: esse quadro de indigência linguística da juventude já era denunciado na minha adolescência. Nada original, portanto: ao longo dos anos, tem sido sistematicamente decretado o fim da língua portuguesa e sua substituição por algo que ninguém entende, e continuam todos a dizer a mesma coisa na mesma língua.

Essas posturas resultam de uma perspectiva preconceituosa em relação à língua e à linguagem. Há pouco o professor Mendes de Almeida, um respeitabilíssimo filólogo, declarava só ler jornais e revistas franceses e ingleses. Para ele, a imprensa, a mídia eletrônica e até mesmo a literatura brasileiras são pobres, pois bom texto é o que obriga o leitor a ir no dicionário no menos cinco vezes por página.

Nem tanto, mestre. A língua que falamos hoje vem sendo duramente construída por seguidas gerações de usuários que nela têm refletido sua visão de mundo, sua ideologia, sua cultura, enfim. Não falamos, ou escrevemos, como nossos antepassados, é certo; mas, assim como eles não nos compreenderiam, nós por vezes não os compreendemos sem o auxílio de um filólogo.

Primeiro, precisamos entender que ao longo do tempo o homem modifica o meio em que vive e o modifica-se, pois é também parte desse mesmo meio. As culturas encolm-se, trocam contribuições, os povos aceitam-se, mesclam-se, fundem-se, novos valores são incorporados à ética e às crenças dos grupos humanos.

É impensável que, nesse quadro, somente a língua seja monólita, pétrea, imexível - e logo a língua, a atividade mais intimamente ligada ao homem, que a recebe até por herança genética da espécie. Pois se o carluco escorrega, o gaúcho resbalça e se o primeiro acabou de comer, o segundo recém almoçou. E vamos todos falando a mesma língua.

Além disso, as comunidades não são lingüísticamente homogêneas. Fatores sociais de diversas naturezas atuam diretamente no desempenho dos usuários, diferenciando-os. O grau de escolarização, por exemplo, proporciona maior conhecimento formal da língua. Assim, quanto mais instruído for o usuário, mais provavelmente ele empregará as formas socialmente mais prestigiadas do idioma - falando de acordo com o padrão gramatical estipulado pela norma culta.

A esses fatores associa-se a idade. A fala de um indivíduo adulto guarda hábitos lingüísticos adquiridos por volta dos seus quinze anos. É natural, portanto, que gerações diferentes falem diferente. Sabemos que a criança é mais receptiva à mudança lingüística do que o serapanário, fato que apenas reflete uma tendência geral do comportamento humano.

A escola cabe, assim, um papel duplo. De um lado, normativo, passando aos estudantes a informação necessária a respeito de um padrão lingüístico desejável, do ponto de vista dos valores aceitos pela sociedade em que está inserida. De outro, formativo, compreendendo a natureza variável do fenômeno lingüístico, aceitando as experiências dos estudantes e aproveitando-as como instrumento válido de comunicação e expressão de seu pensamento.

Como fazê-lo já é assunto para outra conversa.

* Doutor em Lingüística, professor da Furg



A cultura do espetáculo e a sociedade dos sonâmbulos

"Cultura é aqui pensada como uma invenção coletiva - histórica de símbolos, valores, idéias e práticas que estabelecem a ruptura e a reflexão dos homens enquanto distintos das coisas naturais".

Márlena Chauí

Vivemos em um contexto de 3º mundo que nos obriga, enquanto professores universitários e participantes de um projeto pedagógico que visa colocar a questão da formação do cidadão em pauta, pensar a cultura como um elemento central na prática cotidiana do cidadão.

Nesse sentido propomos discutir aqui algumas questões relativas ao binômio cultura-cidadania.

Sabe-se que a cidadania - o exercício livre e democrático dos direitos - não se constrói de uma hora para outra. É um processo no qual várias forças se articulam na construção de um homem político, capaz de participar e decidir com um mínimo de independência sobre as questões que lhe dizem respeito no âmbito do público. É no trabalho de qualificação da prática dos cidadãos, que os setores da sociedade ligados à educação devem investir como forma de valorizar sua presença na comunidade e estimular uma capacitação das experiências dos sujeitos em seu contexto social.

Para isto se faz necessário pensar, discutir junto com os cidadãos e suas comunidades, sua história, a produção social da memória, como também observar de que forma o esquecimento se constrói como um dado cultural. Isto não significa mistificar a demanda popular ou da população, como fazem os produtores da cultura do espetáculo, que cotidianamente invadem nossas casas. Vivemos em uma sociedade de sonâmbulos, paternalizados pelos senhores da cultura. As redes de rádio e televisão dominam a vida cultural produzida por uma indústria da cultura e por um mercado. As classes subalternas vivem mergulhadas em formas retrógradas de religiosidade conformista e autoritária. A escola pública se encontra reduzida a uma situação de miséria e inoperância. Por isto fundar uma cidadania cultural nesta suposta demanda é condená-la à paralisia, à repelição do conformismo, à legitimação da situação de indigência, na qual se encontra o ensino público.

Trata-se então de enfrentar o desafio que se coloca a nós educadores: construir juntamente com os grupos sociais, associações de bairros, partidos, sindicatos, enfim com a sociedade civil, uma reflexão, um diálogo crítico sobre suas (nossas) próprias demandas e a partir daí abrir espaços, articular serviços, desenvolver atividades e programas culturais que despertem a crítica, alimentem a exigência cultural e proponham possibilidades de apropriação da memória como um bem e como uma forma de luta social e política.

Cultura é aqui pensada como uma invenção coletivo-histórica de símbolos, valores, idéias e práticas que estabelecem a ruptura e a reflexão dos homens enquanto distintos das coisas naturais.

Em uma sociedade como a nossa, cada vez mais dividida entre opulência e carência, na qual o ensino público não dá futuro para ninguém, se faz necessário construir uma prática de cidadania que leve a cultura como valor e direito e que possibilite a cada homem pensar-se como sujeito cultural.

Jussemar Weins Gonçalves
Professor - URG

AGORA

01/07/99

Mudar é possível

Projeto Agora x Matemática

"Este artigo elaborado para professores é uma demonstração de que com tempo e capacidade a qualidade aparece e a produção intelectual torna-se no universo do magistério público municipal se faz presente"

Os educadores de Matemática sabem quais são as dificuldades comuns encontradas no ensino médio elementar. Muitas vezes, os alunos sabem todas as operações, mas não têm nenhuma ideia de devem como, subtrair, multiplicar ou dividir, quando aparece um problema que exija interpretação.

Essas dificuldades diminuíram, e os alunos tiveram conhecimento de como são resolvidas estas operações. Já que o conhecimento lógico matemático é cumulativo e as dificuldades atuais de compreensão de relações que cada aluno faz. Uma boa compreensão das operações é necessária para a aquisição de conhecimentos posteriores significativos.

Nota-se que o aluno é acustumado, desde cedo, logo na primeira série, a conhecer os seus deveres, antes de qual está sempre presente a de prestar atenção ao que lhe explica o professor, a estar "presta atenção" significa ficar calado calado. Com essas dificuldades, o aluno vai se habituando a aceitar de, atirando as ideias de primeiro pi no seu criatividade, ou seja, sem dar constituição a outro conhecimento a partir do que foi adquirido anteriormente. O que leva a uma construção sem significado na Matemática, por isso os alunos apresentam muitas dificuldades nessa disciplina.

No Projeto Agora, pretendemos modificar o ensino da Matemática, dando um enfoque construtivista numa compreensão de como o aluno aprende, levando-o a sentir necessidade de realizar os exercícios, participar de jogos, criar problemas, fugir da passividade mental e da disciplina sem calar.

O uso de jogos, na dinâmica da sala de aula, não é uma prática nova, mas estes são comumente utilizados por professores como função de conteúdos já trabalhados ou como complementação de atividades para aquelas crianças que trabalham mais rapidamente.

Na nossa proposta, fundamentada na teoria de Piaget, utilizamos o jogo como elemento principal para que o aluno aprenda através da descoberta do conhecimento.

Partindo do princípio de que o jogo atrai os alunos, aproveitamos esse recurso nos aulas de Matemática a fim de que eles formulem regras, tomem decisões, participem e cheguem a conclusões sobre determinado assunto. Isso nos levará a construir ideias e fazer inferências com seus colegas, condições essenciais para o desenvolvimento da autonomia.

Para o aluno conhecer o conhecimento, é necessário que haja um diálogo entre professor e aluno, pois fica claro que o uso de jogos no aprendizado como busca de novas condições por si mesmos ou condições matemáticas. Não se quer que os alunos aprendam a aceitar as respostas certas, e memorizar, mas que eles, através de discussões e questionamentos, procurem soluções próprias.

O trabalho de técnicas inovadoras e regras criadas para produzir respostas escritas corretas e satisfatórias no aluno é necessário por si mesmas, também é importante que construa seu conhecimento por um autodesenvolvimento intelectual. Isso levará a transformar o ato educativo em um ato de pesquisa.

Descobrir e inventar ideias abstratas, que aprende, pesquisa, produz, trabalhar com disciplina e ética, pode levar o aluno a ser feliz, pois ele participa ativamente das aulas. Mas, para tanto, foi preciso relevar a "pedagogia do prazer", onde o aluno aprende brincando.

Johana Silva Cordeiro
Especialista em Matemática
Pedagoga do Projeto

C. Post

Tele x (51) 31373

FUNO MOD. 118

Projeto *Ágora*:

Construindo uma sociedade democrática

Buscando instalar uma ação pedagógica diferente da utilizada nas escolas tradicionais, o Centro de Atenção Especial Projeto *Ágora* rediscutiu entre professores, coordenação, alunos e pais uma forma diferenciada de avaliação, para atingir o objetivo de formação integral (tanto no campo do conhecimento como na área da formação da criança como pessoa atuante no mundo).

Segundo as professoras Eliana Silva Cazeliro e Elaine Silva, ambas atuantes no projeto, a avaliação tradicional é essencialmente quantitativa, não avaliando todos os aspectos que esta nova proposta busca atingir. O "*Ágora*" procura avaliar todas as atividades (de comportamento e atitudes, enfatizando responsabilidade, participação, solidariedade e, naturalmente, cognitivas), seguindo princípios elaborados junto com os alunos. Esta elaboração aconteceu dentro das salas de aula, passando por votação geral, onde os itens a serem observados foram aprovados por consenso, no mês de abril deste ano, e a partir disso, há uma avaliação diária entre professor e aluno, onde discutem a prática dos princípios estabelecidos. Daí surge a avaliação participativa, onde o aluno tem o poder de discutir, argumentar e questionar o professor.

No campo cognitivo, ao vencer cada conteúdo, o professor através de pareceres verifica se foram ou não atingidos os objetivos propostos. Caso estes não tenham sido alcançados, há uma retomada do conteúdo em questão.

Numa primeira etapa, os professores do projeto "*Ágora*" realizaram constatações do que os alunos já sabiam. Ao final

desta sondagem foram verificadas diferenças entre os estudantes, propondo-se uma visão do que precisava ser trabalhado, e a partir de então existem meios para prestar um atendimento individualizado e especial para as áreas que apresentam falhas. Este processo é repetido ao final de cada conteúdo apresentado, o que leva este processo a ser mais lento, porém mais abrangente e eficaz, pois ao mesmo tempo em que desenvolvem os conteúdos programados para as séries, retomam as dificuldades apresentadas para vencê-las.

Para atingir a proposta de construção total, de conhecimento e comportamento, há uma constante busca da participação dos pais, dividindo responsabilidades pela formação dos alunos, no sentido de construir valores nas crianças para torná-las aptas a viverem em sociedade de uma forma melhor. Para tanto, são estabelecidas regras e normas que devem ser respeitadas. Na visão dos educadores do "*Ágora*", a sociedade atualmente não tem regras e limites bem estabelecidos, principalmente nas classes menos favorecidas, onde muitas vezes a violência é um dos principais fatores regulamentadores. A escola assume, junto aos pais, a formação do aluno como cidadão.

Para atingir estes objetivos propostos, o "*Ágora*" tem consciência de que precisa desenvolver um trabalho a longo prazo. Frequentam a escola crianças de 5 a 17 anos, que já vêm com parte de sua formação internalizada, e muitas vezes já vem de casa um estigma de violência muito forte, por isso, problemas de disciplina existem, mas são resolvidos em grupo:

direção, professores e alunos na busca de soluções. Para alcançar a proposta, um fator muito importante considerado pelas professoras é a participação dos pais na escola, formação da consciência de que a escola tem que fazer parte da vida da família. Com todas estas inovações, observa-se que a comunidade escolar do projeto "*Ágora*" está redescobrimo a função da escola pública, como local de formação e capacitação do aluno.

Como forma de estabelecer esta co-responsabilidade, viabilizando comunitariamente o processo, foi estabelecido um colegiado de administração dos pais, que trabalham na organização das atividades comunitárias da escola, junto à assessoria comunitária que já existe. O colegiado de administração organiza as atividades sociais nas dependências do Centro de Atenção Projeto *Ágora*, levando em conta suas necessidades, e já organizou a Festa Junina, ocorrida em 25 de junho, e conta com programação a ser desenvolvida.

Partindo dos próprios alunos, saindo das vivências de sala de aula, onde são trabalhados valores e princípios, as crianças se propuseram a fazer uma campanha do agasalho, em clima de tema solidariedade, arrecadando agasalhos para distribuir aos mais necessitados.

Propondo temas e colocando-os em prática, numa união entre famílias, alunos, professores e direção, o trabalho realizado no "*Ágora*" deverá marcar a vida de todos que fazem parte dele.

.....

Educação:

Projeto Agora apresentado na SBPC

Durante a 46ª reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) o projeto "Agora" foi apresentado e alvo de discussões e debates. O coordenador do projeto, Jussemar Weiss Gonçalves, foi convidado a apresentar o "Agora" em mesa redonda que aconteceu em 21 de julho.

A mesa redonda teve como título "Educando para a cidadania" e contou com a coordenação do professor Roberto Romano (da área de Filosofia da Unicamp), um representante da Anistia Internacional e da Escola do Legislativo Mineiro, além do coordenador do "Agora". A Anistia Internacional apresentou seu trabalho na área da cidadania, quando presta apoio e ministra cursos para diversas áreas da sociedade; a Escola do Legislativo explicou como realiza seu trabalho de capacitação e aperfeiçoamento dos funcionários do Legislativo de Minas.

O professor Jussemar Gonçalves expôs toda a proposta e trabalho que vem sendo realizado no "Agora", deixando evidente a tentativa de ninar a escola pública com qualidade, assumindo a formação integral do jovem. Sendo o único representante da educação formal no debate, o "Agora" levantou diversas questões entre a audiência, que questionou principalmente como se dá a integração dos professores no projeto, as relações do projeto com a universidade e o Município. Outro ponto que entusiasmou a plateia foi a redução da carga horária em sala de aula, com tempo determinado para planejamento, aperfeiçoamento e estudos.

Jussemar Gonçalves considera a participação do projeto na SBPC importante no sentido em que divulga o trabalho que extrapola a educação formal, em sala de aula, para abranger uma formação mais ampla, atingindo inclusive a comunidade na qual está inserida. O convite para participação, na avaliação do professor, já é uma demonstração de que o projeto já está conhecido no meio educacional brasileiro e vem sendo valorizado.

Além da divulgação de um trabalho, a participação do congresso trouxe outros benefícios ao "Agora". Através de contatos mantidos com a Anistia Internacional, recebeu-se o aceno de um possível financiamento da Noruega para criação de uma escola para a cidadania junto ao "Agora". Este tipo de escola, que já funciona em São Paulo, tem por finalidade formar pessoas da comunidade como agentes formadores de cidadãos. Foi efetuado também um convite para a participação do "Agora" em um curso sobre cidadania na Universidade do Estado de São Paulo, a partir de outubro.

A Escola Fundamental da Universidade do Espírito Santo também demonstrou interesse pelo molde do projeto "Agora" e se mostrou interessada inclusive em manter algum tipo de convênio entre as instituições.

Jussemar encerra o relato de sua participação, salientando a importância deste tipo de projeto para as universidades brasileiras, como forma de resgatar a dívida social com os cidadãos, aplicando com maior rapidez toda a massa de conhecimento produzida dentro das mesmas, propiciando melhores condições de vida e maior qualidade de ensino.

